CHARLES SHEELER [1883–1965]

15a Paisagem Americana, 1930

O único traço de humanidade na austera pintura Paisagem Americana, de Charles Sheeler, é a pequena figura correndo pelos trilhos da estrada de ferro. Com um braço esticado para fora, ela parece ter sido congelada naquele momento, como em uma foto instantânea, precisamente no meio do caminho, entre dois vagões desacoplados. O posicionamento calculado desta pessoa anônima sugere que ela foi incluída na composição apenas para dar uma ideia de proporção às enormes fábricas, que fazem até mesmo o trem parecer pequeno e obliteram quaisquer seres vivos. Sheeler criou o termo "Precisionismo" para descrever esta abordagem emocionalmente imparcial do mundo moderno. Influenciada pelos mecanismos da tecnologia moderna, a arte Precisionista emprega formas claramente definidas e, em grande parte, geométricas e frequentemente serve como padrão para a transformação da paisagem no despertar do progresso industrial.

Paisagem Americana brinca com nossas expectativas. Em uma pintura com este título, esperamos encontrar uma pacífica vista das montanhas e das árvores, ou talvez fazendas e plantações, ao estilo de Thomas Cole ou de Albert Bierstadt (ver 5-A e 8-A). Ao contrário, Sheeler nos dá fábricas, silos e chaminés. A obra expressa a visão do artista de que as forças da cultura humana, impulsionadas pelo industrialismo, haviam ultrapassado as forças da natureza que, outrora, dominaram a pintura de paisagens americanas. Aqui, tudo o que resta do mundo natural é o céu, e nem mesmo ele escapa dos efeitos da produção em massa: a fumaça que sobe de uma chaminé mistura-se com as nuvens, fazendo delas um outro subproduto da indústria. Como muitas paisagens tradicionais americanas, esta situa-se ao redor de uma extensão de água. No entanto, aqui, a água está contida em um duto, um canal artificial que controla seu fluxo.

15-A Charles Sheeler (1883 – 1965), Paisagem Americana, 1930. Óleo sobre tela, 61 x 78,8 cm (24 x 31 pol.). Doação de Abby Aldrich Rockefeller (166.1934). Museu de Arte Moderna, Nova Iorque. Imagem Digital © Museu de Arte Moderna / Sob licença de SCALA / Art Resource, Nova Iorque.

Sheeler ganhava a vida como fotógrafo profissional. Em 1927, passou seis semanas tirando fotografias da enorme fábrica de automóveis Ford Motor Company, a oeste da cidade de Detroit. A empresa encomendou o projeto como uma prova da superioridade da Ford: a fábrica, em River Rouge, era uma maravilha de eficiência mecânica, com quilômetros de canais, esteiras transportadoras e estradas de ferro ligando siderúrgicas, altos-fornos, fábricas de vidro e sua famosa linha de montagem. O próprio Henry Ford havia inventado o termo "produção em massa" para descrever seu processo inovador de fazer os operários trabalharem em uma parte móvel da linha de produção do maquinário. Se o processo acionado por esteiras desumanizava os operários, ajudava a democratizar o capitalismo, tornando os bens manufaturados financeiramente acessíveis a um público maior. "Existe apenas uma regra para o industrialista", Ford declarou, "e ela é: produzir mercadorias da mais alta qualidade possível ao mais baixo custo possível." Para o público do século XXI, a Paisagem Americana pode parecer uma crítica à era da máquina, mas para os contemporâneos de Sheeler, o quadro teria representado o triunfo sobre a ingenuidade americana.

Sheeler tirou Paisagem Americana do plano de fundo de uma de suas fotografias de River Rouge. Para obter o efeito impessoal da imagem mecânica, ele eliminou todos os sinais de trabalho com o pincel e quaisquer outras indicações de que aquela pintura havia sido concebida por uma personalidade artisticamente distinta e feita à mão. Deste modo, Sheeler minimiza sua própria presença, como se fosse tão anônimo quanto a figura sem rosto, não identificada, presa nos trilhos da estrada de ferro. Após sair de River Rouge, Sheeler observou que as fábricas haviam se tornado um "substituto para a expressão religiosa". A imobilidade e o silêncio da cena transmitem um ar de reverência, tradicionalmente associado a um lugar de adoração — ou, na pintura americana, a alguma imponente visão da natureza. Mas a natureza, como uma presença divina, está ausente; é a indústria, com suas fábricas frias e indiferentes, que prevalece.

Peça aos alunos para olharem atentamente para todos os detalhes desta pintura.

DESCREVA E ANALISE

F | M

Peça aos alunos para localizarem a minúscula figura.
Ela está nos trilhos da estrada de ferro.
Onde está a escada?
Está localizada no canto direito.
Onde estão os silos?
Estão à esquerda.

F | M

Como Sheeler indica distância nesta pintura?
As linhas horizontais paralelas estão convergindo, ficando mais próximas, à esquerda da pintura. Os objetos se sobrepõem, e as estruturas distantes são menores, com menos detalhes.

F | M

Que linhas parecem que foram desenhadas com uma régua?
As linhas da borda do canal, do trem, dos trilhos e dos prédios parecem ter sido feitas com o auxílio de um instrumento reto.
A maior parte desta pintura é geométrica. Que partes não são?
A água, os reflexos na água, o céu, a fumaça e a pilha de minério têm formas irregulares.

F | M

Pergunte aos alunos que tamanho parecem ter os prédios em comparação com o homem. São enormes.
Esta fábrica produzia automóveis em massa. As matérias-primas e minérios eram transformados em carros. Longas esteiras transportavam os materiais pela fábrica.
Que estruturas, nesta vista, possivelmente abrigam as esteiras transportadoras?
A longa e fina estrutura branca, na frente dos silos, e outros prédios grandes são possíveis depósitos.
O que esta pintura diz sobre a escala da indústria americana em 1930?
Sheeler estava impressionado com a escala massiva da indústria americana e desta fábrica.

INTERPRETE

F(6º/8º) | M

Peça aos alunos para visualizarem como o progresso industrial mudou esta vista da paisagem americana. Incentive-os a imaginarem como era esta cena antes do canal, da estrada de ferro e das fábricas serem construídos.
Talvez, o rio fizesse curvas e fosse margeado de árvores e plantas. Não haveria fumaça no céu.
Pergunte aos alunos se eles acham que esta pintura parece ser mais positiva ou negativa em relação ao desenvolvimento industrial. Como um americano comum, de 1930, responderia esta questão?
Como fábricas como esta afetaram as vidas dos consumidores americanos? Fábricas como esta davam emprego a muitas pessoas, e as mercadorias produzidas em massa eram financeiramente acessíveis aos americanos de classe média. No começo do século XX, os americanos tinham orgulho do desenvolvimento industrial de seu país e apreciavam a ascensão de seu padrão de vida, possibilitada pela produção em massa. Hoje, os americanos são mais sensíveis aos efeitos do desenvolvimento industrial em nosso meio ambiente.

RELAÇÕES

Relações históricas: industrialismo; o movimento progressista; a Grande Depressão

Figuras históricas: Samuel Gompers

Ed. Cívica: o processo devido substantivo

Geografia: o crescimento das cidades

Economia: sindicatos; a expansão industrial; as inovações nos meios de transporte

Ciências: maquinário

Relações literárias e documentos importantes: A Selva, Upton Sinclair (médio); "Chicago," Carl Sandburg (médio)

Artes: fotografia; Modernismo; Precisionismo; compare com Cézanne; contraste com Cole